

UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO

Curso de Pedagogia

ANELI DONIZETTI LEITE DA SILVA

MARIAH JULIAN MOREIRA

Eduardo Manuel Bartalini Gallego

Márcia Aparecida Amador Mascia

A DESESCOLARIZAÇÃO PÓS PANDEMIA

Itatiba

2022

Dedico este trabalho ao nosso Criador que nos deu Graça e sabedoria para a realização deste trabalho. E a todos que direta ou indiretamente contribuíram ou acrescentaram algo em nossas vidas acadêmicas.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente a Deus nosso Supremo Orientador e a nossa família que nos apoiou e nos ajudou com paciência e amor nas horas difíceis, nos incentivando a prosseguir na realização dos nossos sonhos. Aos nossos professores e orientadores que não desistiram de nós e nos ajudaram a entender o propósito deste trabalho e nos inspiram a sermos pedagogas para que nossas vidas tenham mais cores.

Agradecemos em especial a Professora Márcia Aparecida Amador Márcia por todos os momentos e por todas as horas difíceis.

Eu Aneli agradeço em especial aquelas pessoas que acreditaram em mim e me desafiaram a ir além das perspectivas que foram em mim depositadas, aquelas pessoas que disseram que eu podia e iria conseguir. Agradeço também a minha filha Ana Clara, que foi através dos olhos dela que eu me vi professora.

Eu Mariah agradeço especialmente aos meus pais por todo o apoio e força para continuar com os estudos, e por terem acreditado que seria capaz de superar os obstáculos que estiveram à minha frente.

A DESESCOLARIZAÇÃO PÓS PANDEMIA

Aneli Donizetti Leite da Silva¹

RA 002201902096

Mariah Julian Moreira²

RA 002201800709

RESUMO

O mundo mudou e com ele professores e alunos mudaram. A pandemia do COVID-19 afetou diversas áreas da educação, desde o fechamento das escolas, das medidas de emergência e aulas remotas até a volta às aulas após um longo período de isolamento social. Dentro de um cenário de desigualdade social, defasagem de aprendizagem, fracasso escolar e dificuldades ao acesso às tecnologias digitais, a volta às aulas se mostrou um desafio, tanto para os profissionais da educação como para os estudantes. Esse trabalho tem por objetivo apresentar as principais causas dos problemas encontrados na área da educação antes da pandemia do COVID-19 e no pós pandemia e pesquisar em artigos acadêmicos, livros e outras fontes que discorrem sobre o assunto e apresentar propostas que ajudem o desenvolvimento escolar no pós pandemia. Falaremos sobre o uso de tecnologias para o desenvolvimento das aulas remotas e como o acesso à internet ou a desescolarização dos familiares dos alunos prejudicou a aprendizagem durante a pandemia. Através de pesquisas buscamos refletir sobre o trabalho dos professores durante a pandemia e no pós pandemia e nas soluções dos problemas encontrados em sala de aula. Faremos uma breve reflexão sobre algumas propostas indicadas em artigos pesquisados para o desenvolvimento da pesquisa.

Palavras-chave: Pandemia, educação, defasagem e desigualdade social e digital.

INTRODUÇÃO

“Quando a situação for boa, desfrute-a. Quando a situação for ruim, transforme-a. Quando a situação não pode ser transformada, transforme-se”
Viktor Frankl

Esse artigo em forma de ensaio tem por objetivo discorrer sobre as defasagens de aprendizagem que ocorrem na educação brasileira tanto na educação infantil como nos

¹ Aneli Donizetti Leite da Silva, Curso de Pedagogia da Universidade São Francisco, Campus Itatiba.

² Mariah Julian Moreira, Curso de Pedagogia da Universidade São Francisco, Campus Itatiba.

primeiros anos do ensino fundamental antes da pandemia do Covid-19 e analisar, de uma forma geral, a defasagem na educação escolar durante e após a pandemia.

Para isso, realizamos uma pesquisa bibliográfica e selecionamos alguns autores como Freinet e Vygotsky e artigos científicos que discorrem sobre o assunto, além de documentos como a BNCC e um livro (PALÚ; SCHÜTZ; MAYER, 2020).

A escolha do tema se deve ao fato de que, ao trabalhar em escolas rurais durante o estágio de pedagogia pós pandemia, nos deparamos com alunos da educação infantil e ensino fundamental (anos iniciais), com grande defasagem na aprendizagem de acordo com idade/série. Sendo que a maioria desses alunos estão em situação de vulnerabilidade socioeconômica e muitos não tiveram acesso às aulas remotas devido à falta de energia e internet.

As defasagens na aprendizagem quase sempre aparecem já na educação infantil, sendo a escola e o ambiente familiar responsáveis pelo desenvolvimento integral da criança e considerando que crianças em situação de pobreza apresentam um quadro de desenvolvimento tanto motor como social inferior às crianças de classes econômicas privilegiadas. A desigualdade social tem intensificado as diferenças no aprendizado das crianças, supondo que a falta de estímulos no ambiente doméstico e a falta de escolaridade dos pais intensifica a subjetividade do aprendizado na criança desde a primeira infância (DESSEN; POLONIA; COSTA, 2007).

O profissional da educação é o agente principal no reconhecimento da defasagem na aprendizagem e durante a pandemia, milhares de crianças ficaram sem acesso à escola e sem o auxílio do professor em aulas presenciais (SILVA; PETRY; UGGIONI, 2020).

A educação no Brasil possui uma história de desigualdades e durante a pandemia esse problema tomou proporções enormes e o contexto de uma educação justa passa a ser questionada. No dia 17 de março de 2020, por meio da Portaria nº 343, o Ministério da Educação (MEC) se manifestou sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais, enquanto durasse a situação de pandemia da COVID-19 (CF. Despacho do Ministro, publicado no D.O.U. de 1º/6/2020, Seção 1, p. 32.). O que parecia ser uma medida justa devido ao distanciamento social acentua a desigualdade inerente ao acesso à internet.

Segundo a ONU (Organização das Nações Unidas), o acesso à internet é considerado um direito humano fundamental, “Artigo 19: Todos os seres humanos têm direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e idéias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras.” mas, segundo uma pesquisa realizada pela G1, mais de trinta e três milhões de brasileiros não têm acesso à internet. Enquanto escolas particulares inovaram em aulas remotas após quinze dias de pandemia, estudantes da rede pública tiveram que lidar com o “estudar em casa”, o que significa não contar com o

apoio de uma equipe pedagógica como na escola e mesmo lidar com a falta de escolarização dos pais que nesse cenário se tornam responsáveis pelo ensino escolar dos filhos, e também como em muitos casos aqui no Brasil, a falta de água e energia em lares em situações de extrema pobreza ou em assentamentos de Sem Terra, que não possuem rede e nem aparelhos que se conectam a internet (STEVANIM, 2020).

Entre os quase 56 milhões de alunos matriculados na educação básica e superior no Brasil, 35% (19,5 milhões) tiveram as aulas suspensas devido à pandemia de Covid-19, enquanto que 58% (32,4 milhões) passaram a ter aulas remotas. Na rede pública, 26% dos alunos que estão tendo aulas online não possuem acesso à internet (CHAGAS, 2021).

Após o período de isolamento causado pela Covid-19, as escolas se deparam com um cenário de defasagem integral no desenvolvimento infantil. Crianças da educação infantil que não tiveram acesso às primeiras fases da educação e crianças em fase da alfabetização se encontram desescolarizadas no sentido integral, tanto no desenvolvimento social causado pelo isolamento social, quanto no desenvolvimento motor e cognitivo e no ensino/aprendizagem, apesar dos esforços dos profissionais da educação. Para diminuir essa defasagem, profissionais da educação começam a trabalhar em um currículo de transição para minimizar os danos de aprendizagem causados às crianças pela pandemia do Covid-19 (SILVA, 2020).

Essa pesquisa se justifica pela defasagem na educação causada pela pandemia em milhares de crianças e adolescentes em fase escolar e as causas da desescolarização. Tendo em vista que a falta do convívio escolar não só afetou o aprendizado escolar como todo o desenvolvimento das crianças, principalmente as crianças em situações de pobreza que não tiveram acesso às aulas online e nem ajuda familiar considerando que muitas famílias não possuem escolarização ou formação acadêmica. Ao reabrirem suas portas, as escolas se deparam com crianças que foram privadas do aprendizado e convívio escolar e que voltam com um retrocesso no desenvolvimento tanto motor quanto social (SILVA, 2020).

Essa pesquisa pretende responder às seguintes perguntas de pesquisa: O que os profissionais da Educação podem fazer para recuperar a defasagem causada pela pandemia? Como ajudar as crianças em condições de pobreza que durante a pandemia não tiveram acesso às aulas remotas por falta de acesso à internet? Como podemos trabalhar numa sala de aula onde crianças com acompanhamento familiar se sobressaem em relação àquelas que as famílias não tiveram acesso a quase nenhuma escolaridade?

A hipótese da pesquisa é que educadores e profissionais da educação retomassem as atividades pedagógicas, adotando metodologias de ensino que permitissem a aprendizagem de alunos em diversos níveis de desenvolvimento pedagógico respeitando todas as particularidades encontradas em sala de aula e que deva virar ação pedagógica,

concentrada nos conhecimentos objetivos e devidamente adaptada ao mundo que nos espera.

O objetivo geral é identificar as dificuldades encontradas pelas crianças ao retornarem às escolas no período pós-pandemia e discutir possibilidades de trabalhar metodologias de ensino/aprendizagem de forma que a defasagem causada pela pandemia seja minimizada.

Os objetivos específicos são: a) levantar nas pesquisas bibliográficas as principais causas de defasagem de aprendizagem na educação infantil e na primeira fase do ensino fundamental; b) Pesquisar em artigos científicos as desigualdades sociais e a exclusão do ensino remoto durante a pandemia e as consequências causadas na educação escolar; c) identificar através de pesquisas bibliográficas os principais problemas de defasagem encontrados nas crianças da educação infantil e 1º fase do ensino fundamental na volta às aulas presenciais; d) verificar como os professores estão trabalhando, a partir das pesquisas bibliográficas, com a defasagem de aprendizagem no pós-pandemia em sala de aula e analisar as propostas e currículos de transição de ensino que permitam a aprendizagem de alunos em diversos níveis de desenvolvimento pedagógico.

Buscando atingir os objetivos deste artigo, serão utilizados em nossa pesquisa artigos acadêmicos, livros e bibliografias em geral que nos relatam sobre a defasagem na aprendizagem nos anos iniciais do ensino fundamental no período da pandemia do covid-19 e no pós pandemia.

Tendo apresentado o tema, as justificativas, a pergunta de pesquisa, os objetivos e a metodologia, apresentamos a seguir a revisão bibliográfica, as discussões e as conclusões.

1. DEFASAGEM NA APRENDIZAGEM E DESIGUALDADE SOCIAL

No Artigo “O Impacto dos Fatores Familiares Sobre a Defasagem Idade-Série de Crianças no Brasil”, de Danielle Carusi Machado e Gustavo Gonzaga (2007), é citada a renda per capita das famílias e a baixa escolaridade dos pais como sendo a maior causa de defasagem na aprendizagem das crianças já nos anos iniciais do ensino fundamental.

Esse não é um problema recente da educação no Brasil, essa questão persiste no sistema educacional do Brasil há décadas. E as causas dessa defasagem são inúmeras, como insegurança quanto ao conteúdo, baixa autoestima, o mal desempenho nas avaliações, dificuldades de acompanhar as aulas e a falta de exposição ao conteúdo

pedagógico, são alguns fatores que contribuem para esse problema (MACHADO; GONZAGA, 2007)

O maior número de analfabetos entre alunos do ensino fundamental se encontra no segundo e no quarto anos, enquanto a maior defasagem na relação entre idade e série se verifica no quarto ano.” MEC (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2010, p. 1)

Saber definir entre desenvolvimento de aprendizagem individual de cada criança e uma diferença problemática na aprendizagem, faz com que profissionais da educação busquem avaliações e métodos de aprendizagem de acordo com documentos como o currículo da BNCC (Base Nacional Comum Curricular) que estabelece quais objetivos devem ser alcançados a cada ano.

Segundo os autores Sá, Annunciato:

O sistema educacional brasileiro sempre teve dificuldades em garantir que todos os alunos alcançassem bons resultados. Até o início da década de 1990, o remédio do sistema era a repetência. O resultado eram altas taxas de distorção idade-série (em torno de 50%) e de evasão (10% no fim dos anos 1980). Com a implantação da progressão continuada, em que a Educação básica é dividida em ciclos maiores, e só neles é que se pode reprovar (ou não), essa distorção vem caindo e, em média, está em 12%. A evasão, no entanto, continua girando em torno dos 10%.(ANNUNCIATO; SÁ, 2018, p. 4)

Apesar de todo o esforço dos profissionais da educação para reverter o problema de defasagem, ele cresce cada vez mais, famílias com falta de instrução levam os alunos a acreditarem que não têm cabeça para os estudos e contribuem para a desmotivação para os estudos.

Sobre a fundamental importância da família, assim se expressa Pestalozzi (apud FREINET, 1974, p. 14)

Não há livros, não há métodos artificiais que possam substituir a educação em família. A melhor história, o quadro mais emocionante visto num livro são para a criança como a visão de um sonho sem vínculos, sem seguimento, sem verdade interior. Pelo contrário, o que se passa em casa, sob os olhos da criança, liga-se naturalmente, no seu espírito, a mil outras imagens precedentes, pertencendo à mesma ordem de ideias e, portanto, têm para ela uma verdade interior.

A desigualdade social está presente na Educação Brasileira e tem sido a causa para o fracasso e a defasagem escolar e a pandemia do Covid-19 intensificou esse problema enfrentado por milhares de crianças nessas condições. De acordo com Gina Vieira (2022, p. 1), “O grande legado que a pandemia deixou para a Educação foi a tomada de consciência

de que nossos problemas educacionais são, antes de tudo, problemas de desigualdade social.”

O artigo “Desigualdades Escolares e Desigualdades Sociais”, de Teresa Seabra, nos relata sobre a obrigatoriedade do ensino público para garantir a igualdade de oportunidades sendo que, somente depois que todas as crianças ou quase todas sejam escolarizadas dos seis aos doze anos passam a ter a verdadeira liberdade de escolha. Segundo Seabra, a primeira preocupação não foi propriamente a de criar condições para a igualdade de oportunidades, mas a de garantir o acesso de todos à instrução elementar (SEABRA 2009).

Segundo Trezzi,

Uma “escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres”. Para o autor, “a escola que sobrou para os pobres, caracterizada por suas missões assistencial e acolhedora (incluídas na expressão educação inclusiva), transforma-se em uma caricatura de inclusão social”. (TREZZI, apud LIBÂNEO, 2012, p. 23).

Em muitos lares afastados das cidades, encontramos famílias que mantêm seus filhos nas escolas somente para receber ajuda do governo ou para que as crianças possam ser alimentadas nas escolas, sendo que a desigualdade social infiltrada em suas casas façam que a falta de alimentos sejam uma realidade em seus dias e que a educação escolar passe para o segundo plano na vida de seus filhos.

2. ENSINO REMOTO E AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DURANTE A PANDEMIA

Em março de 2020 começa a pandemia do Covid-19 e os professores se reinventam para atender seus alunos com aulas remotas. Com este cenário temos um sério comprometimento na qualidade da educação, visto que na rede privada, a aula remota tem início aproximadamente quinze dias após o decreto de distanciamento e isolamento social, e na rede pública as aulas demoram um pouco mais para acontecer. Mesmo com todo o esforço dos profissionais da educação e com o planejamento de atividades para fazer em casa, o ensino remoto dificulta o ensino/aprendizagem principalmente na fase da alfabetização e sua eficiência tem sido questionada em todas as fases da educação.

Segundo o autor Clóvis Trezzi:

Apesar disso, concretamente falando, os anos de 2020/2021 representam, mais do que uma crise, um período de oportunidades para a educação brasileira. É certo que o começo inesperado da pandemia, quando as escolas estavam se organizando ou estavam organizadas para as

atividades, cada região do Brasil em um ponto distinto do ano letivo, foi um golpe. Nesse momento muitas escolas perceberam que precisavam de um elemento do qual não dispunham: capacidade para atendimento remoto. Mais uma vez escancarou-se a desigualdade e a crise: as poucas escolas, privadas, que estavam equipadas ou que conseguiram se organizar rapidamente, saíram na frente. (TREZZI, 2021, p. 6)

Conforme resolução CNE Nº 9/2020. COLEGIADO: CP. Aprovado em: 8/6/2020, que dispõe de atividades escolares em regime não presencial, as escolas e principalmente os professores precisam se reinventar e adotar estratégias e ferramentas de ensino que alcancem os alunos em seus lares. Em uma sociedade que está acostumada a mandar suas crianças para a escola todos os dias e não participar de suas atividades escolares, de repente se depara com uma situação inusitada e se questiona: O que fazer com as crianças? Famílias despreparadas social, economicamente e tecnologicamente além de muitas delas não terem formação escolar para auxiliar nas atividades escolares de seus filhos, precisaram se adaptar para que o quadro desfavorável causado pela pandemia do covid- 19 não causasse uma defasagem maior na educação.

Começa uma luta desigual pelo ensino/aprendizagem no Brasil. Por um lado, professores que preparam atividades impressas para a retirada na escola, vídeos educativos que devem ser assistidos pelas crianças com seus familiares e aulas remotas on-line com a participação em tempo real pela criança. Por outro lado, famílias que nem sequer buscam as atividades impressas por ignorância dos fatos ou por não terem condições de ir até a escola, famílias que buscam as atividades mas não sabem como ajudar a criança ou não sabem o que fazer com elas e ainda muitos casos de lares que não possuem aparelhos conectados à rede de internet e ainda há alguns casos isolados de falta de energia elétrica em suas casas (RODRIGUEZ; LUZ; JUNG; FOSSATI, 2021).

[...‘o que fazer com os filhos’; a não estrutura familiar social-econômica para dar conta dos filhos. Logo, percebe-se que não há estrutura cultural (ethos) que possibilite acompanhar e ajudar os filhos, tanto com o decorrer das atividades remotas, como anterior a isto (espaço, materiais, recursos)...] (PALÚ; SCHUTZ; MAYER, 2020, p. 17)

Para Vygotsky (Apud LEGENDRE, 2014), a aprendizagem e desenvolvimento têm uma relação complexa, na qual a aprendizagem é que irá prover o desenvolvimento. O desenvolvimento é percebido de forma conjunta às práticas culturais e educativas, incluindo, portanto, o processo de aprendizagem. Só isolamos um conceito a título de estudo e aprofundamento. Para Zucoloto (2021), a educação tem o papel de estruturar o desenvolvimento da pessoa e ampliar seu conhecimento e suas capacidades favorecendo uma relação intrínseca entre aprendizagem e desenvolvimento, ensino e habilidades.

Diante desse quadro, as dificuldades de aprendizagem se tornam inúmeras, começando pela falta de interação social e abrange a falta de escolaridade das famílias para acompanhar as atividades escolares das crianças desenvolvidas pelas escolas.

Em 2020, cerca de 5,5 milhões de crianças e adolescentes de 6 a 17 anos tiveram seu direito à educação negado, segundo o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef). O dado inclui os que não frequentavam a escola (1,4 mil), seja de forma presencial ou remota, e os que frequentavam, mas não tiveram acesso a atividades pedagógicas (4,1 mil). (MATUOKA, 2022, p. 3)

No artigo de Katia Aparecida Zucoloto, “O vírus como pedagogo”, a autora nos relata alguns fatos sobre a aprendizagem durante a pandemia que deve ser levado em consideração como o entrave de acessibilidade às aulas e atividades remota e sua eficácia e a não interação com o ambiente social. Zucoloto ainda afirma que o uso de tecnologias pode ser um fator estressante tanto para o professor como para o aluno, considerando as emoções e a aprendizagem, a autora acredita que muitos alunos carregam frustrações e ansiedades que atrapalham a aprendizagem significativa (ZUCOLOTO 2021).

O cenário da educação brasileira na pandemia é de “uma crise dentro da crise”, na avaliação de Andressa Pellanda, coordenadora geral da Campanha Nacional pelo Direito à Educação. Segundo ela, as desigualdades estruturais “emergiram à superfície nesse momento de pandemia”(PELLANDA, apud STEVANIM, 2020, p. 5).

2.1 DESIGUALDADE DIGITAL E EXCLUSÃO REMOTA

Além de lidarmos com a desigualdade social presente em sala de aulas, agora temos que lidar também com a desigualdade digital, a pandemia trouxe mais um problema à tona. Com o planejamento de aulas remotas, o acesso à internet se torna indispensável para o acompanhamento das aulas e atividades escolares.

Entre pressões para o retorno das aulas presenciais e a implementação do ensino remoto emergencial, alunos e trabalhadores da educação se deparam com uma realidade: a exclusão digital, que dificulta a adoção de medidas como aulas e avaliações pela internet. “Feito às pressas, o ensino remoto esbarra na falta de acesso à internet e a dispositivos tecnológicos por parte de estudantes e professoras e professores e na impossibilidade de estudo e planejamento por parte do corpo docente sobre aulas à distância que não reforcem um modelo tradicional de ensino”, aponta Luísa Guedes, diretora do Sindscope (Sindicato dos Servidores do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro) e professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental. (STEVANIM, 2020, p. 2)

A exclusão remota se dá pelo fato de que a maioria das crianças matriculadas na rede pública de educação não tem acesso à internet e uma parte não tem acesso nem mesmo à rede elétrica ou aparelhos tecnológicos, tornando assim impossível participar das aulas on-line (UNICEF Brasil 2021).

A pandemia de Covid-19 escancarou uma realidade educacional que já era conhecida. Essa realidade mostrou-se extremamente cruel e desumana, pois, além de acentuar a desigualdade, fez com que muitas famílias, que já passavam privações, economizassem ainda mais para a aquisição de equipamentos, ainda que rudimentares, para acessar as aulas remotas. (TREZZI, 2021, p.11)

A exclusão digital foi evidenciada a partir da necessidade de realização das aulas remotas, tanto para alunos quanto para educadores. Com a pandemia vieram muitos questionamentos, dentre eles o acesso a internet como direito fundamental, afinal esta se torna o maior meio de comunicação no Brasil e no mundo. Mas o que se espera de um país no qual 4,8 milhões de crianças e adolescentes não têm acesso à internet em casa e que 59% dos jovens acessam à internet pelo celular, o que dificulta a execução das tarefas escolares desenvolvidas pelos professores durante as aulas remotas (BUTCHER, 2020; TOKARNIA, 2022).

Outro problema relacionado às aulas remotas é o uso de tecnologia pelos professores. A maioria dos professores tem acesso a internet em suas casas e possuem as ferramentas adequadas para o desenvolvimento das aulas remotas mas, são excluídos por não saber utilizá-las. Aos professores faltou a formação docente de qualidade e, ele não precisa somente aprender a usar os recursos tecnológicos e as ferramentas educacionais, mas necessita aprender letramento digital e a se comunicar por meio deles e interagir causando assim, situações de aprendizagem (SOUZA *et al*, 2021).

O momento crítico da pandemia serviu como alerta para algo que já se sabia há muito tempo: as maiores dificuldades ficam com os mais pobres. Por exemplo: não adianta criar vagas para todos, se 34,3% das crianças vão para a escola com fome (UNICEF, 2019, p. 5) por não terem dinheiro sequer para comprar os alimentos da cesta básica. Da mesma forma, não adianta estabelecer uma escola tecnológica, se 61% das crianças e adolescentes não têm acesso à tecnologia em casa por viverem na pobreza (UNICEF, 2019, p. 5).

Em seu artigo *Direito ou privilégio? Desigualdades digitais, pandemia e os desafios de uma escola pública* pág 262-280, a autora Renata Mourão Macedo (2021) diz o seguinte: “Vale ressaltar que as desigualdades digitais refletem ou espelham desigualdades sociais mais amplas, já constituindo desde o fim do século XX mais um lócus de estratificação social no Brasil.” Segundo Macedo, o ponto central das preocupações trazidas pela crise na

educação durante a pandemia, seriam as desigualdades digitais, e continua dizendo: Como pode uma escola pública ministrar aulas inacessíveis para seus estudantes de menor renda? Faz sentido formular conteúdo para alguns, deixando outros tantos para trás?

A educação não deve ser um privilégio para alguns, os estudantes de menor renda têm os mesmos direitos e as escolas devem estar preparada para atender a todos. Não faz sentido formular conteúdos que não atendam a todos, os conteúdos pedagógicos podem ser reformulados de acordo com as necessidades de cada estudante.

Se tais desafios não são novos, com a eclosão da pandemia de coronavírus em 2020 e o consequente fechamento das escolas, tais mecanismos de criação e reprodução de desigualdades se mostraram ainda mais atuantes. Diversos operadores de diferenciação social se acentuaram, aumentando as distâncias educacionais entre escolas públicas e privadas, ricos e pobres, “herdeiros” e “não herdeiros” (Bourdieu, 2015). Para além das desigualdades educacionais e sociais, somaram-se as desigualdades digitais (MACEDO, 2021, p.4).

Nesse cenário causado pela pandemia muitos alunos não realizaram suas tarefas escolares ou nem sequer assistiram às aulas remotas e retornaram às escolas com déficit de aprendizagem de conteúdo pedagógico.

3. VOLTA ÀS AULAS PÓS PANDEMIA E CURRÍCULO DE TRANSIÇÃO

A Pandemia alternou sentimentos e emoções causados pelo distanciamento social e um novo normal passou a fazer parte do cotidiano da sociedade, e não foi diferente na educação. A volta às aulas aconteceu de forma gradativa na rede pública, começou com pequenos grupos e depois a sala foi dividida em dias alternados de aulas.

E mais uma vez a desigualdade social atingiu as salas de aulas do país, famílias em melhores condições financeiras, pagaram aulas particulares individuais durante a pandemia e contaram com recursos tecnológicos para ajudar no aprendizado de seus filhos, enquanto milhares de famílias não conseguiram sequer acompanhar as atividades propostas pela escola. E nesse momento de volta às aulas os professores se deparam com diversos níveis de aprendizagem dentro da mesma sala de aula (STEVANIN, 2020).

Tudo mudou, os professores, os alunos e o mundo. O mundo mudou e com ele mudamos hábitos, comportamentos e atitudes, estamos vulneráveis e inconstantes e isso reflete na educação. Santana e Borges Sales (2020) em seu artigo, Aula em casa: Educação, tecnologias digitais e pandemia Covid-19, relata a nova realidade de famílias e alunos que têm que se adaptar à nova rotina de sala de aula. Crianças que foram privadas do convívio social com outras crianças se deparam com uma sala de aula com

aproximadamente quinze crianças diferentes em vários aspectos, dentre eles: costumes, crenças, hábitos, culturas e muitas outras diversidades. Essas crianças que estiveram em isolamento tem que lidar com todas as diferenças e uma rotina totalmente nova e aprender a socializar, conviver e estar pronta a aprender os conteúdos pedagógicos de forma a “resgatar o tempo perdido” na pandemia.

Por outro lado, professores se vêem às voltas com alunos totalmente despreparados para o retorno à sala de aula. Crianças da educação infantil que não frequentaram creche no período da pandemia e não conhecem a rotina da escola ou crianças em fase de alfabetização que não passaram pela educação infantil nesse mesmo período e não conseguem acompanhar as atividades propostas. Também temos os casos de crianças do terceiro ou quarto ano do ensino fundamental I que não conseguiram fazer as atividades impressas durante a pandemia ou não tiveram acesso às aulas remotas e apresentam uma defasagem na aprendizagem durante a fase de alfabetização (SILVA, 2020).

A pandemia mudará muitas formas de estruturar a organização do trabalho pedagógico, seja pelas ações empreendidas durante ela, sejam nos resultados dessas atividades, consideradas pedagógicas desenvolvidas no lar. (SILVA, 2020, p. 72)

A volta às aulas no pós pandemia revelou que muito conteúdo pedagógico não foi incorporado nas atividades impressas e nem nas aulas remotas e que muita coisa ficou pelo caminho nesses quase dois anos de afastamento da escola. Além de alunos desconectados, a realidade se mostrou perturbadora no quadro da docência, professores preocupados e comprometidos com o ensino/aprendizagem e buscando soluções para a recuperação dos conteúdos perdidos.

Segundo o relato da senadora Maria do Carmo Alves (DEM-SE):

Priorizamos no projeto as ações de busca ativa de alunos que não retornaram às escolas após a retomada das aulas presenciais, avaliação diagnóstica do que foi aprendido e também apontamos a necessidade de ações públicas que ajudem as famílias no envolvimento a esse processo desafiante para o aluno, que exigirá comprometimento para acumular a recuperação dos dois anos perdidos, com o estudo do conteúdo do ano atual. (AGÊNCIA SENADO)

Projetos estão sendo discutidos como as ações de busca ativa de alunos que não retornaram às escolas após a retomada das aulas presenciais, avaliação diagnóstica do que foi aprendido e também apontar a necessidade de ações públicas que ajudem as famílias no envolvimento a esse processo desafiante para o aluno e se apropriar de metodologias que busquem o bem estar dos alunos. Saber ouvir e interpretar seus

alunos são um caminho seguro para ajudar no desenvolvimento de práticas pedagógicas que consigam minimizar os prejuízos na defasagem do pós pandemia (PIMENTA, 2022).

Além de todo o esforço conjunto, profissionais da Educação estão se movendo e mostrando novos métodos e meios de ensino que possam abranger as diversas fases de escolarização. Silva (2020), em seu artigo chamado Currículo de Transição, apresenta um Plano de Transição Individualizado – PTI que mais se assemelha a um plano de cursos curricular específico para estudantes com dificuldades de aprendizagem unindo ações, para além das aulas regulares, com o intuito de garantir o pleno desenvolvimento dos sujeitos, em conformidade com o currículo coletivo vigente. (SILVA, 2020, p. 5).

Vamos relatar alguns pontos que consta como medida para recuperar a defasagem na aprendizagem: Repensar horários e carga horária, além das metodologias de trabalho que sejam mais dinâmicas, flexíveis e seguras; Implantar formas de avaliar mais humanas e eficientes ao mesmo tempo; Não é só uma adaptação/adequação do que não poderá ser trabalhado (ou seja, o currículo precisa superar essa visão meramente como uma grade conteudista); Priorizar uma proposta pedagógica que não cause mais sofrimento do que houve esse ano (2020); Contar com a colaboração de todos os sujeitos implicados com a prática pedagógica, isso inclui, sobretudo, as famílias de nossos estudantes. Uma boa saída é o chamado “trabalho por projetos”, por temas, por eixos (integradores/estruturantes) e transversais; Investir em mídias e tecnologias (desde que o acesso seja de 100% dos usuários) que a escola permaneça como um espaço democrático de acesso ao conhecimento; Enxugar matérias, temas, excesso de tarefas e otimizar tempo, espaço, conteúdo e forma. (SILVA, 2020, p. 76).

Continua Silva:

Entusiastas e novamente esperançosos – mesmo sabendo que o mundo não será o mesmo – e sensibilizados com as perdas humanas, que são irreparáveis, acreditamos estar contribuindo, por meio desses pequenos escritos, com aquilo que somos acostumados a buscar e a defender rotineiramente em nossos espaços de atuação: a emancipação humana. (SILVA, 2020, p. 76).

Profissionais da educação buscam melhorias no ensino pós pandemia tentando uma forma eficaz de combater a desigualdade de aprendizagem, a defasagem e o fracasso escolar. Muitas propostas estão sendo analisadas e trabalhadas em sala de aula, o objetivo é um ensino/aprendizagem que acompanhe as diversidades em sala.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa nos propusemos a responder às seguintes questões: O que os profissionais da Educação podem fazer para recuperar a defasagem causada pela pandemia? Como ajudar as crianças em condições de pobreza que durante a pandemia não tiveram acesso às aulas remotas por falta de acesso à internet? Como podemos trabalhar numa sala de aula onde crianças com acompanhamento familiar se sobressaem em relação àquelas que as famílias não tiveram acesso a quase nenhuma escolaridade?

Pudemos verificar que os profissionais da educação podem recuperar a defasagem causada pela pandemia por meio de trabalhos por projetos, dessa forma, as crianças que não tiveram acesso às aulas remotas por falta de internet poderiam ser auxiliadas com investimentos em mídias e tecnologias digitais e que escola permaneça como um espaço de conhecimento para todos que a frequentem. Na sala de aula, que possui crianças em níveis distintos, pois alguns tiveram acompanhamento familiar e suporte tecnológico durante a pandemia e outras não tiveram as mesmas oportunidades, os professores podem investir em aulas de reforço no período contrário às aulas normais..

Nosso objetivo geral foi identificar as dificuldades encontradas pelas crianças ao retornarem às escolas no período pós pandemia e discutir possibilidades de trabalhar metodologias de ensino/aprendizagem de forma que a defasagem causada pela pandemia seja minimizada. E pudemos, durante a pesquisa, verificar que as principais dificuldades foram trabalhar com crianças que estiveram em isolamento social por um longo período, minimizar a defasagem de aprendizagem, principalmente na fase de alfabetização.

Nossos objetivos específicos foram: a) levantar nas pesquisas bibliográficas as principais causas de defasagem de aprendizagem na educação infantil e na primeira fase do ensino fundamental, discutidos no tópico 2 desta pesquisa; b) Pesquisar em artigos científicos as desigualdades sociais e a exclusão do ensino remoto durante a pandemia e as consequências causadas na educação escolar; c) Identificar através de pesquisas bibliográficas os principais problemas de defasagem encontrados nas crianças da educação infantil e 1º fase do ensino fundamental na volta às aulas presenciais; d) Pesquisar as possibilidades de atuação dos professores com a defasagem de aprendizagem no pós pandemia e apresentar uma possibilidade para um currículo de transição.

No decorrer deste ano de 2022, vemos profissionais da educação trabalhando para superar os estragos na educação feito pela pandemia do Covid-19. Ao realizarmos este trabalho concluímos que os problemas causados pelo distanciamento social, fechamento das escolas, o não acesso às ferramentas digitais usadas para as aulas remotas durante a pandemia e o não acompanhamento das atividades impressas fornecidas pelas escolas, deixaram estudantes com maior dificuldade de aprendizagem e todos os problemas que já existiam antes da pandemia só se intensificaram no pós pandemia.

As pesquisas que fizemos nos mostraram claramente que os problemas da Educação no Brasil são inúmeros, e só foram agravados no período da pandemia. As famílias estavam despreparadas para receber suas crianças em tempo integral em casa e auxiliá-las nas atividades escolares e a volta às aulas foi marcada por inseguranças e déficit de aprendizagem tanto social como pedagógico. Pesquisadores, estudantes e profissionais da educação uniram suas forças para reverter esse quadro e ajudar professores e alunos a se conectarem de novo para superar as perdas causadas pela pandemia.

Apresentamos algumas propostas que foram discutidas por outros pesquisadores e esperamos contribuir de alguma forma para melhorar a qualidade de ensino/aprendizagem nesse momento de defasagem de aprendizagem. Muitas propostas estão sendo trabalhadas e analisadas, mas sabemos que essas dificuldades demorarão um tempo para serem sanadas e esperamos que achem um caminho seguro para percorrermos na educação.

REFERÊNCIAS

ANNUNCIATO, P.; SÁ, L. **Defasagem: como vencer esse obstáculo?** Junho de 2018. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/11838/defasagem-como-vencer-esse-obstaculo>. Acesso em 05 de outubro de 2022.

BATISTA, Vera. IBGE: **Brasil continua sendo o 9º país mais desigual do mundo.** Estado de Minas Economia. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2020/11/12/internas_economia.1204108/ibge-brasil-continua-sendo-9-pais-mais-desigual-do-mundo.shtml. Acesso em 12 setembro 2022.

BRASIL, **Segundo e quarto anos têm pior alfabetização e mais defasagem.** Portal MEC, 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/211-218175739/15474-segundo-e-quarto-anos-tem-pior-alfabetizacao-e-mais-defasagem>. Acesso em 20 setembro 2022.

BUTCHER, Isabel. 89% das crianças e dos adolescentes brasileiros são usuários de Internet. Teletime. 23/06/2020, 21:58. Disponível em: <https://teletime.com.br/23/06/2020/89-das-criancas-e-dos-adolescentes-brasileiros-sao-usuarios-de-internet/#:~:text=89%25%20das%20crian%C3%A7as%20e%20dos%20adolescentes%20brasileiros%20s%C3%A3o%20usu%C3%A1rios%20de%20Internet,->

[Por&text=%5BPublicado%20no%20Mobile%20Time%5D%20No,que%20representa%2018%25%20dessa%20popula%C3%A7%C3%A3o](#). Acesso em: 01-11-2022

CHAGAS, Elisa. DataSenado: **Quase 20 milhões de alunos deixaram de ter aulas durante a pandemia**. Página virtual Agência Senado, 2020. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/08/12/datasenado-quase-20-milhoes-de-alunos-deixaram-de-ter-aulas-durante-pandemia>. Acesso em: 21 de maio de 2022

DESSEN, Maria Auxiliadora e POLONIA, Ana da Costa, A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. **Paidéia** (Ribeirão Preto) [online]. 2007, v. 17, n. 36 [Acessado 30 Outubro 2022] , pp. 21-32. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-863X2007000100003>>. Epub 14 Jan 2008. ISSN 1982-4327. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2007000100003>.

DIAS, Érika. A Educação, a pandemia e a sociedade do cansaço. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v.29, n.112, p. 565-573, jul./set. 2021

GABRIEL, N. S., MARÇAL, G. A, IMBERNÓN, R. A.L. PIOKER-HARA, F. C. (2021). O retorno às aulas no pós-pandemia: estudo de caso e análise comparativa entre o ensino público e o ensino privado. **Terræ Didática**, 17(Publ. Contínua),1-13, e 021005. doi: 10.20396/td.v17i00.8663375

LEGENDRE, Marie-Françoise. Lev Vygotsky e o socioconstrutivismo na educação. In: GAUTHIER, Clermont; TARDIF, Maurice. **A pedagogia: teorias, práticas da Antiguidade aos nossos dias**. 3ª Edição, Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 2014.

LOBO, M. **Como fica a alfabetização e o letramento durante a pandemia?** Setembro de 2020. Futura. Disponível em: <https://www.futura.org.br/como-fica-a-alfabetizacao-e-o-letramento-durante-a-pandemia/?print=1>. Acesso em 10 setembro de 2022.

MACEDO, Renata Mourão. Direito ou privilégio? Desigualdades digitais, pandemia e os desafios de uma escola pública. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol 34, nº 73, p.262-280, Maio-Agosto 2021

MACHADO, Danielle Carusi e GONZAGA, Gustavo O impacto dos fatores familiares sobre a defasagem idade-série de crianças no Brasil. **Revista Brasileira de Economia** [online]. 2007, v. 61, n. 4 [Acessado 7 Outubro 2022] , pp. 449-476. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0034-71402007000400002>>. Epub 10 Jul 2008. ISSN 1806-9134. <https://doi.org/10.1590/S0034-71402007000400002>

Mais de 33 milhões de brasileiros não têm acesso à internet, diz pesquisa.

<https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2022/03/21/mais-de-33-milhoes-de-brasileiros-nao-tem-acesso-a-internet-diz-pesquisa.ghtml> Por g1 21/03/2022 20h17 Atualizado há 7 meses
acesso em 31/10/2022

MATUOKA, I. **Os desafios para a educação brasileira em 2022.** Centro de referência em educação integral. Fevereiro de 2022. Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/reportagens/os-desafios-para-educacao-brasileira-em-2022/>. Acesso em 23 de outubro de 2022.

OLIVEIRA, João Batista e. GOMES, Matheus. BARCELLOS, Thais. A Covid-19 e a volta às aulas: ouvindo as evidências. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v.28, n.108, p. 555-578, jul./set. 2020

PALU,J;SCHUTZ,J,A; MAYER,L. **Desafios da educação em tempos de pandemia.** Editora Ilustração Cruz Alta: Brasil 2020.

PIMENTA, P. **Educação busca superar os estragos da pandemia.** Senado Federal. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2022/03/educacao-busca-superar-estragos-da-pandemia>. Acesso em 23 de outubro de 2022.

REIS, E, M. **Recuperação da aprendizagem é prioridade e desafio para a maioria das redes municipais de Educação.** Agosto 2022. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/recuperacao-da-aprendizagem-prioridade-e-desafio-para-maioria-das-redes-municipais-de-educacao>. Acesso em 23 de outubro de 2022.

RIBEIRO, Rosana e CACCIAMALI, Maria Cristina Defasagem idade-série a partir de distintas perspectivas teóricas. **Brazilian Journal of Political Economy** [online]. 2012, v. 32, n. 3 [Acessado 13 Setembro 2022] , pp. 497-512. Disponível em:

< <https://doi.org/10.1590/S0101-31572012000300009> >. Epub 28 Set 2012. ISSN 1809-4538.

RODRIGUES de Almeida, Patrícia SOSTER LUZ, Cherlene Bitencourt JUNG, Hildegard, Susana e FOSSATTI, Paulo. (2021). Relações no ambiente escolar pós-pandemia: enfrentamentos na volta às aulas presenciais. **Revista Actualidades Investigativas en Educación**, 21(3), 1-36. Doi. 10.15517/aie.v21i3.46287

SANTANA, Camila Lima Santana., e BORGES SALES, Katia Marise. (2020). Aula em casa: Educação, tecnologias digitais e pandemia Covid-19. **Interfaces Científicas - Educação**, 10(1), 75-92. doi: <https://doi.org/10.17564/2316-3828.2020v10n1p75-92>

SEABRA, Teresa. Desigualdades escolar e desigualdades sociais. **SOCIOLOGIA, PROBLEMAS E PRÁTICAS**, n.º 59, 2009, pp. 75-106 Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/1614/1/Sociologia59cap4.pdf>. Acesso em: 20 agosto de 2022

SILVA, Francisco Thiago. Currículo de transição: uma saída para a educação pós pandemia. **Revista EDUCAmazônia**. Ano 13, Vol XXV, Núm 1, Jan-Jun, 2020, pág. 70-77.

SILVA, L. A. da; PETRY, Z. J. R. e UGGIONI, N. Desafios da Educação em Tempos de Pandemia: como Conectar Professores Desconectados, Relato da Prática do Estado de Santa Catarina. In: PALÚ, J.; SCHÜTZ, J. A. e MAYER, L. **Desafios da Educação em Tempos de Pandemia**. Cruz Alta: Ilustração, 2020. p. 19-36.

SOUZA, Adriana da Silva, et al. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 2, n. 2, p. 1-23, 2021 <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/ISSN:2675-9144>

STEVANIM, Luiz Felipe. Exclusão nada remota: desigualdades sociais e digitais dificultam a garantia do direito à educação na pandemia. **RADIS: Comunicação e Saúde**, n. 215, p. 10-15, ago. 2020. <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/43180> acesso em 31/10/2022.

TOKARNIA, Mariana. Acesso à internet aumenta entre crianças e adolescentes. **Agência Brasil**. Publicado em 23/06/2020 - 11:29 - Rio de Janeiro. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-06/acesso-internet-aumenta-entre-criancas-e-adolescentes>. Acesso em: 01-11-2022.

TREZZI, Clóvis. A educação pós-pandemia: uma análise a partir da desigualdade educacional. **Dialogia**, São Paulo, n. 37, p. 1-14, e 18268, jan./abr. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/dialogia.n37.18268>

ZUCOLOTO, K. A. (2021). Ensino remoto durante a pandemia da covid-19 – o vírus como pedagogo / Remote teaching during the covid-19 pandemic - the virus as a pedagogue. **Brazilian Journal of Development**, 7(5), 52048–52059. <https://doi.org/10.34117/bjdv.v7i5.30313>